

RESILIÊNCIA DOS SISTEMAS ALIMENTARES NO SEMIÁRIDO: CONSTRUÇÃO DE ALTERNATIVAS FRENTE À CRISE

RESILIENCE OF FOOD SYSTEMS IN THE SEMIARID REGION: BUILDING ALTERNATIVES TO THE CRISIS

Maria Emanuelle Guedes Cardoso¹

Resumo: O presente artigo tem como principal objetivo avaliar a resiliência dos sistemas alimentares no semiárido, com ênfase para o município de Montes Claros no Norte do estado de Minas Gerais como um meio de construção de alternativas frente ao colapso ambiental. Entendendo os meios de produção das populações tradicionais como um método eficaz e eficiente de assegurar o abastecimento alimentício da população em meio à tempos de crise, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos, teses e notícias que tratassem da história das dinâmicas de produção e venda na região e as vulnerabilidades ocasionadas pela capitalização agrária e pela pandemia de COVID-19. Os saberes tradicionais caracterizam-se como potenciais alternativas societárias de gestão ambiental que se apoiam no aproveitamento das potencialidades locais.

Palavras-chave: Alimentação; Saberes Tradicionais; Pandemia de COVID-19.

Abstract: This article has as its main objective to evaluate the resilience of food systems in the semi-arid region, with emphasis on the municipality of Montes Claros in the north of the state of Minas Gerais as a means of building alternatives to

environmental collapse. Understanding the means of production of traditional populations as an effective and efficient method of ensuring the population's food supply in times of crisis, a bibliographic research was carried out in books, articles, theses, and news that dealt with the history of production and sales dynamics in the region and the vulnerabilities caused by agrarian capitalization and the COVID-19 pandemic. Traditional knowledges are characterized as potential societal alternatives for environmental management that rely on the use of local potentialities.

Keywords: Food; Traditional Knowledge; COVID-19 Pandemic.

1. INTRODUÇÃO

Em 2022, 125,2 milhões de brasileiros estão em situação de insegurança alimentar, de acordo com inquérito divulgado em 8 de junho de 2022 pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), que coletou dados entre os meses novembro de 2021 e abril de 2022. A volta do país para o

¹ Bióloga pela Unimontes e pesquisadora do Laboratório de Educação Ambiental e Ecologia Humana (LEAEH). E-mail: marimiriam.53@gmail.com.

mapa da fome mesmo após já ter sido considerado exemplo internacional no combate a mesma, advém principalmente do acirramento das desigualdades já existentes, tais como a má distribuição de terras e a concentração de riquezas, somadas a falta de medidas governamentais que assegurem a saúde e a alimentação da população, e as dificuldades geradas pelas crises sociopolíticas que o país enfrenta desde o ano de 2014. Sendo um fantasma que assombra parcela expressiva da população brasileira, a fome somente pode ser combatida através de políticas públicas que assegurem o direito ao território e a soberania alimentar, que é o direito dos povos de pensarem suas estratégias de produção, distribuição e consumo de alimentos, garantindo o acesso a comida e respeitando a cultura e a diversidade da gestão camponesa nos modos rurais, visando assegurar de forma duradoura e sustentável a segurança alimentar dos povos (GOMES, 2012).

Dentre as diversas práticas de agriculturas alternativas existentes no país, ressalto aquelas praticadas na região norte de Minas Gerais, local onde aspectos do clima, do solo, da vegetação e da história levaram a evolução de uma multiplicidade de práticas agrícolas e de agroextrativismo para gerar autossuficiência ainda que em um ambiente complexo, estabelecendo-se como possível modelo para a adoção de uma gestão ambiental justa, sustentável, resiliente e economicamente viável. O presente resumo tem como objetivo levantar informações bibliográficas relacionadas ao Semiárido do Norte de Minas Gerais, através de uma revisão que primeiro busca

compreender os aspectos próprios do clima e como as comunidades rurais interagem com agroambientes distintos para produzir alimento, partindo da hipótese que a agricultura feita por pequenos produtores em conjunto com os saberes tradicionais do lidar com a terra contribuam para a construção de possíveis saídas do labirinto do agronegócio, que nos conduziu a exaustão do solo, dos recursos naturais, dos modos de produção, das relações sociais, da fauna, da flora e dos seres humanos.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1. ÁREA DE ESTUDO

O município de Montes Claros localizado na mesorregião Norte do Estado de Minas Gerais é o sexto maior município do Estado em população residente, estimada pelo IBGE em julho de 2017 em 413.07 habitantes, sendo 92% urbana e 8% rural. É considerado um centro urbano de desenvolvimento da região, desempenhando um importante papel como centro urbano comercial, educacional, industrial e de prestação de serviços.

Figura 1 – Localização Geográfica de Montes Claros/MG



2.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi realizada uma revisão sistemática na literatura disponibilizada em artigos e trabalhos acadêmicos nos periódicos de busca Scielo e Google Acadêmico e livros que caracterizavam o Semiárido e sua produção agroecológica. O levantamento foi complementado com auxílio de uma pesquisa documental, utilizando materiais de natureza diversa, em documentos que não sofreram tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares, (Godoy, 1995), sendo principalmente oriundos de veículos de comunicação em massa, tais como jornais e redes sociais, com o intuito de levantar dados relacionados à agricultura local e sua história.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Semiárido de Minas Gerais está localizado nas regiões norte do Estado e do Vale do Jequitinhonha, ocupando uma área de aproximadamente 103.590 km² com uma população de mais de dois milhões de habitantes, sendo destes, 41 % residentes na zona rural (Platão et al. 2015). As regiões semiáridas são caracterizadas por apresentarem clima árido, deficiência hídrica com imprevisibilidade das precipitações pluviométricas e presença de solos pobres em matéria orgânica, com temperaturas médias anuais oscilando entre 23 a 28° C (CRUZ; RIBEIRO; GALIZONI, 2018). O Semiárido pode ainda ser visto como um processo social, pois além de suas características ambientais, compreende questões culturais, sociais, históricas e políticas que permanecem associadas: a seca, a fome, a migração, os conflitos e os latifúndios (CRUZ; RIBEIRO; GALIZONI, 2018).

A região do Norte de Minas em sua formação ligou-se socioeconomicamente ao Nordeste brasileiro, com função principal de abastecer o litoral com animais de tração e alimento (PEREIRA, LOPES 2018). Entretanto, segundo Rodrigues (2000, p. 106) durante as crises relacionadas à mineração e a economia açucareira durante as épocas coloniais, a economia norte-mineira provou-se como autossustentável por duas questões principais, sendo uma a reposição automática do capital investido na pecuária devido ao crescimento vegetativo do rebanho; e a ligação da atividade agropecuária ao desenvolvimento de uma

economia de subsistência com fraca dependência do mercado, onde em momentos de crise externa a produção interna é intensificada (PEREIRA, LOPES 2018). A utilização e o manejo de espécies e variedades crioulas e, os consórcios e sistemas agroflorestais que podem ser vistos nessas regiões, apresentam mais resistência ao ataque de pragas e doenças e ao aumento de temperatura, além de apresentarem maior persistência nas estações secas prolongadas, demonstrando, portanto, resiliências às mudanças climáticas, apesar de que os agricultores demandam certo monitoramento para maior compreensão dos processos que levam à essa resiliência (PLATÃO et al., 2015).

Todavia a autossuficiência do mercado norte-mineiro durou até meados da década de 1970, sendo a região atualmente abastecida com alimentos produzidos em larga escala por outras regiões. Ao longo dos anos, percebeu-se que a nova paisagem em escala nacional e principalmente regional configurada pelo processo desenvolvimentista afetou os pilares de sustentação da agricultura familiar tradicional, sendo eles a restrição no acesso aos recursos naturais; a uniformização das culturas e a restrição dos mercados e feiras livres, provocados pelo empobrecimento dos municípios e pela competição que os seus produtos enfrentam com os oriundos das agroindústrias, ensacados e enlatados acentuando ainda desníveis socioeconômicos e a deterioração dos recursos naturais (DAYRELL, 1998).

Alguns dos motivos que alavancaram essa mudança e consequente dependência da região de mercados distantes

estão relacionados a mudança no lidar com a terra: se antes os camponeses do Cerrado e do Semiárido desenvolveram agroecossistemas complexos, frutos de uma coevolução que envolveu uma interação histórica com a natureza e anos de experimentação, construção e transformação do meio com a produção de alimentos essenciais para a dinâmica econômica regional, através da comercialização em feiras e povoados (CARVALHO et al., 2018); para o estabelecimento de empreendimentos predatórios, dentre os quais salienta-se a monocultura de eucalipto, que comprometeu a reprodução socioeconômica dessas populações, com agravamento de sua pobreza material e aumento no índice de êxodo rural (CARVALHO et al., 2018), além da perda da biodiversidade e escassez de água Eichler e Ferraz (2019).

A pandemia ocasionada pelo surgimento e disseminação do novo coronavírus humano (SARS-CoV2), agente etiológico da COVID-19, alterou as dinâmicas sociais e suas interfaces econômicas, relacionamentos interpessoais, comerciais, e de consumo. Tal evento caracteriza-se como uma manifestação de esgotamento civilizatório, advindo de um modo de vida desconectado da natureza e sustentado por uma agricultura predatória (ALTIERI E NICHOLLS, 2020) como resultado de uma crise sanitária, política, econômica, ecológica e social sem precedentes. Segundo Wallace, (2020) [...] A monocultura de capital intensivo – tanto a pecuária quanto a agricultura – impulsiona o desmatamento e os empreendimentos que aumentam a taxa e o alcance taxonômico do transbordamento de patógenos: dos animais selvagens para os da pecuária, e destes, para os trabalhadores

do setor. (...). Dessa forma, além de provocar a estafa ambiental, a globalização neoliberal e a circulação de produtos originados da produção de transnacionais proporcionam um ambiente favorável ao surgimento e disseminação de patógenos (CARDOSO, 2020).

A crise civilizatória em sua vertente sanitária, alimentar, financeira ecológica e socioeconômica caracteriza-se como uma crise no modelo de produção hegemônica dos sistemas agroalimentares, onde uma alternativa ao agronegócio é apresentada pelos pequenos agricultores: a Agroecologia, onde um resgate a práticas ancestrais e tradicionais posicionam o alimento como um elo entre homem e outras naturezas como partes interligadas de um mesmo ecossistema. Constituindo-se como um conjunto de teorias e práticas, a Agroecologia é um padrão técnico-agronômico capaz de orientar as diferentes estratégias de desenvolvimento rural sustentável, avaliando as potencialidades dos sistemas agrícolas através de uma perspectiva social, econômica e ecológica.

O rural norte-mineiro passou por um processo de urbanização onde a partir da década de 1970, o urbano de Montes Claros passou a responder por 85.154 habitantes e, o rural, por 31.332 habitantes (IBGE, 2009). O reordenamento de populações em espaços geográficos diferentes rural/urbano traz, associado a esse fenômeno, o transporte de práticas e modos de lidar com a agricultura desenvolvida no espaço rural (BRITO, AUGUSTO, RIBEIRO, 2019). Com a adoção de medidas de isolamento social que objetivaram reduzir a circulação de pessoas com o desígnio de evitar o

colapso no sistema de saúde por conta da pandemia de Covid-19 no ano de 2020, tornou-se necessário adotar outras formas de escoamento da produção. Para tal, os agricultores começaram a utilizar ferramentas tecnológicas e aderiram à entrega a domicílio. As perspectivas e interfaces da entrega a domicílio podem ser alternativas resilientes a tempos de crise. Com o desígnio de repensar e construir alternativas ao hábito alimentar do norte mineiro, que sejam condizentes com a manutenção do equilíbrio de sistemas ecológicos e seja coerente com a justiça ambiental, adquirindo a produção de populações do campo e pequenos agricultores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os saberes adquiridos após anos de coevolução no Norte de Minas caracterizam-se como um meio eficaz e eficiente de produção, por propor e buscar alternativas societárias de gestão ambiental e da produção que se apoiem no aproveitamento das potencialidades das culturas tradicionais, estilos étnicos de apropriação da natureza que já contêm importantes elementos de sustentabilidade na ocupação e no manejo da terra (DAYRELL, 1998), retomando a modos de produção que mantenham a integridade dos ecossistemas e a conservação da agrobiodiversidade, além de possibilitar o resgate a autossuficiência alimentar e nutricional da população.

AGRADECIMENTOS

À FAPEMIG pelos financiamentos de pesquisa bolsa PIBIC/FAPEMIG para o projeto "Saberes e tradições alimentares no Médio São Francisco - MG".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara Inés. *A Agroecologia nos tempos do COVID-19*. Clasco - Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, Mar. 2020. Disponível em: <https://www.clasco.org/a-agroecologia-nos-tempos-do-covid-19/>. Acesso em: 19 set. 2020.

BRITO, Giliarde Souza; AUGUSTO, Helder dos Anjos; RIBEIRO, Aureo Eduardo Magalhães. *Agricultura urbana: influência dos costumes e das práticas agrícolas de migrantes nas áreas urbanas de Montes Claros – MG*. Revista IDEAs: Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, [s. l.], v. 11, n. 2, ed. 1, p. 8-33, Agosto 2019. Disponível em: <https://revistaideas.ufrj.br/ojs/index.php/ideas/article/download/171/225/377>. Acesso em: 19 fev. 2021.

CARDOSO, Maria Emanuelle Guedes. *Extrativismo e a Crise Ecológica: a Ecologia Política e os Movimentos Sociais como Alternativas*. In . Montes Claros, MG. Anais (on-line). Montes Claros: Unimontes. Disponível em: <https://fepeg2020.unimontes.br/anais/ce7afda5-c3ec-40c1-a937-0ac437b3f662>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

CARVALHO, Igor Simoni Homem de; LIMA, Isabela Lustz Portela; SOUZA, Mírian de Nogueira de; SOUZA, Aparecido Alvez de.

Assentamento Agroextrativista Americana: Campesinato, Biodiversidade e Agroecologia no Cerrado Mineiro. In: Agroecologia no Semiárido: Contribuições ao debate a partir do Norte de Minas Gerais. 1. ed. São Paulo: Outras expressões, 2018. v. 1, ISBN 978-85-9482-034-1.

CRUZ, Gildarly Costa da; RIBEIRO, Eduardo Magalhães; GALIZONI, Flávia Maria. *Semiárido, seca e “gerais” do norte de Minas: uma revisão da bibliografia sobre o Alto-Médio São Francisco*. Campo-Território: revista de geografia agrária, [s. l.], v. 13, n. 31, p. 29-56, dez 2018. DOI: 10.14393/RCT133102. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/46151#:~:xt=Esta%20revis%C3%A3o%2C%20caracterizou%20primeiramente%20o,e%20como%20este%20cen%C3%A1rio%20foi>. Acesso em: 8 jun. 2022.

DAYRELL, Carlos Alberto. *Geraizeiros e Biodiversidade no norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais*. 1998. 192 f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural e Sustentável) - Universidade Internacional de Andalucia, Sede Ibero Americana de La Rábida, [S. l.], 1998. Disponível em: <https://ctazm.org.br/bibliotecas/geraizeiros-e-biodiversidade-no-norte-de-minas-a-contribuicao-da-agroecologia-e-da-etnoecologia-nos-103.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2022.

GODOY, Arilda Schmidt. *Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais*. Rev. adm. empres. [online]. 1995, vol.35, n.3, pp.20-29. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003475901995000300004&lng=en&nrm=iso. ISSN 0034-7590. Acesso em: 8 jun. 2022.

GOMES, Renata Mainenti. *Reforma Agrária e Segurança Alimentar no Brasil: Reflexões no contexto das Políticas Públicas Sociais*. 2012. 288 f. Tese (Doutorado em Política Social) - Universidade de Brasília, [S. l.], 2012. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12343/1/2012_RenataMainentiGomes.pdf. Acesso em: 7 jun. 2022.

PEREIRA, Luis Carlos; LOPES, Frederico Antonio Mineiro. *Agronegócio, questão agrária e insegurança alimentar na região norte de Minas*. In: AGROECOLOGIA do semiárido: contribuições ao debate a partir do norte de Minas gerais. 1. ed. São Paulo: Outras expressões, 2018. v. 1, p. 61-88. ISBN 978-85-9482-034-1.

PLATÃO, Germana; REIS, Aremita; LOPES, Edglênia; ALVES, Luisa; FÁVERO, Claudenir. *Caracterização de agroecossistemas na região do Semiárido de Minas Gerais*. Cadernos de Agroecologia, [s. l.], v. 3, n. 10, 2015. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/download/18481/13386>. Acesso em: 4 jun. 2022.

SAÚDE COLETIVA, Associação Brasileira de. *Trinta e três milhões de pessoas com fome - a indignação nos chama para a ação*. [S. l.], 10 jun. 2022. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/nota-33-milhoes-de-pessoas-com-fome-a-indignacao-nos-chama-para-a-acao/66547/>. Acesso em: 10 jun. 2022.